

ROGER FRANCHINI

PONTO QUARENTA

A POLÍCIA CIVIL DE SAO PAULO PARA LEIGOS



ROGER FRANCHINI

PONTO QUARENTA

A POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO PARA LEIGOS

Edição do autor
São Paulo, fevereiro de 2009

À venda em
www.verbeat.org/blogs/cultcoolfreak/

texto **Roger Franchini**
rogerfranchini@gmail.com

Copyright © Roger Franchini, 2008

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional. Reproduzir esta obra – no todo ou em parte – só é permitido com a autorização do autor.

capa **Tiago Casagrande**, sobre foto do autor
www.verbeatblogs.org/bereteando

Este livro está à venda no site do autor:
www.verbeatblogs.org/cultcoolfreak/

ATENÇÃO

Esta é uma história de ficção, que só existe na imaginação do autor. Suas situações, nomes, personagens, etc., não têm nenhuma relação com fatos ou pessoas reais. Assim, qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

*A todos os Policiais Civis de
São Paulo que persistem em não ceder à
sedutora tentação do crime.*

CORPO TORTO

O corpo da menina estava no bueiro havia pelo menos 20 horas. Foi o que o perito me dissera. Ruiva, corpo magro e branco. A necrose o acometera de um tom azulado, *congo blue*. Cinco da tarde, hora mágica, a melhor luz para se imprimir na película. Não cheirava mal, mas exalava um aroma estranho. Tinha os lábios celestes, espumosos de saliva seca, escoriações nos ombros e uma grande mancha roxa escorrida ao redor do pescoço. E que bunda!

“*Gostosinha, hein?*” – Enquanto coordenava o fotógrafo, o perito parecia não ter crises morais em admirar o belo trabalho da paleta de cores construída pelo óbito na pele da menina.

“*Era*” – respondi, criando a coragem necessária para me aproximar do corpo.

Ainda não sei se os momentos que antecediam meu primeiro contato com cadáveres traziam alguma espécie de temor, devido à inquietação que inflava meu coração. O medo me pre-

enchia com uma insegurança imatura diante de um perigo que ainda não conhecia.

Quando se concretizava a primeira visão do morto era diferente, tudo se transformava. Era curiosidade, horror e pena.

Ao revistar os bolsos traseiros de sua calça jeans justa, notei que seus músculos ainda resistiam ao rigor da morte. Macia e gelada, como esperava que estivesse.

“Giovana Purccini, 14 anos, mora na Vila Mariana.” Dei muita sorte, encontrei a carteira com RG e documentos da escola. Já sabia quem era a moça. Metade do trabalho realizado. Bastava agora contatar família e descobrir o motivo de ela ter morrido. Pensei em crime passional, pois aquele local da movimentada avenida 23 de Maio não era ponto de garotas de programas que arrumam confusões a ponto de serem mortas.

O delegado era quem deveria estar ali, fazendo o teatrinho de cara de mau e representante do Estado para todos perceberem nossa onipresença. Não eu. Pelo menos era assim que a lei mandava. Mas esta lei já tinha setenta anos. Foi elaborada em uma época em que matar era quase tão difícil para o bandido quanto para a polícia. Época em que a polícia militar era um exército de homens à disposição do governador do Estado caso ele tivesse pretensões ditatoriais e separatistas. Quando o delegado detinha a mesma autoridade de um juiz de direito, com competência para decidir o destino de pessoas no calor do crime. Era quem investigava e julgava.

Hoje não passam de agentes administrativos,

que tentam reencontrar seus lugares na casta da administração pública, perdida entre abusos de corrupção e violência. Muito mais políticos do que policiais, precisam se manter longe de escândalos, agradar aos chefes do executivo para não perderem seus cargos de confiança. Incomodar pessoas poderosas com as investigações não estava nos planos de nenhum delegado que almejava sair da vala comum dos plantões dos distritos policiais e seguir uma carreira rentável em departamentos. Para este trabalho arriscado, surgiu a figura do investigador de polícia. Caso o trampo se aproximasse de interesses que deixariam o governador em maus lençóis, a cabeça desse funcionário era a primeira a cair. Poupava-se o delegado, o assinador de inquéritos. Arruinava-se a vida pessoal do seu subalterno, sobre o qual recaía a culpa pelos erros na condução da investigação. Era um trabalho perigoso para quem não tinha padrinhos fortes o suficientes no governo. Mas valia a pena, em virtude do grande volume de dinheiro envolvido.

Olhei seu rosto uma última vez antes que a colocassem no caixão de fibra de vidro. Quem poderia matar uma doçura de quinze anos? Sutiã de fitas vermelhas. Quando a manobraram, sua calça apertada cedeu pouco abaixo da linha da cintura, deixando aparente sua calcinha de renda preta, tanga minúscula cavada. 14 anos? Seria uma mulher maravilhosa. Amaria, teria filhos lindos.

* * *

Depois de guardada a moça morta no baú do carro de cadáver, a caminho do DP, pensei na saudade de Michelle, sentimento que ainda me enchia o saco.

Havia decidido que seria sozinho. Parecia certo. Achava estúpidas as histórias de amores intensos, ter e dizer o quanto alguém era importante para mim, que minha vida seria incompleta se não estivesse determinada pessoa ao meu lado. Besteira querer algo assim. Não haveria pessoas com paciência ou tempo para que isso existisse. Rocambulias do século XIX, novela pra agradar aos integrados à rotina comer-cagar-transar-dormir. Tinha fé no corpo e nas sensações de descarga proteicas que produziam resultados nos olhos, na pele, na boca. Saliva e sorriso faziam bem.

Então apareceu Michelle, quando a faculdade de direito estava indo por água abaixo por causa de minhas faltas.

A polícia civil não é feita para quem quer estudar. Seus horários eram regulados por uma lei de 1968, que riam das regras da organização mundial do Trabalho e da Constituição Federal. Acredito que naquela época os delegados e investigadores estavam mais interessados em matar e arrecadar do que fazer mestrado. E para meu azar, quando virei policial já estava no segundo ano.

A necessidade de dinheiro para terminar os estudos, aliada a uma vontade de poder fazer o mundo menos injusto, empurrou-me para a delegacia. Mas depois que passei no concurso

notei que os horários dos plantões eram incompatíveis com qualquer intenção de estudar.

E os delegados com os quais trabalhei não tinham a mínima vontade de ajudar. Outros colegas da minha turma de academia tiveram mais sorte. Conheciam pessoas influentes na administração e por isso foram alocados em departamentos especializados da polícia, nos quais trabalhavam dois dias por semana, seis horas por dia.

Eu, entre madrugadas não dormidas, tentava a todo custo não ser reprovado. Insistia com os professores acerca da minha condição humilhante na polícia, e pedia novas chances de provas e trabalhos.

E foi em uma dessas buscas por um professor pelos corredores da faculdade para pedir que me aplicasse outra prova – e me ajudasse na nota – que encontrei Michelle.

Ao bater na porta da sala do professor, uma menina de bochechas redondas e cabelos curtos me atendeu com um sorriso perturbador.

“Quero falar com o professor Sérgio. Ele está?”

“Ele saiu e só volta na sexta da semana que vem.”

Ela não precisava me olhar com toda aquela alegria. Uma camiseta branca e justa desenhava seus seios duros no corpo esguio. Fruta madura.

“Você deve ser o Vital. Ele me disse que viria. Sou sua orientanda e ele pediu que lhe entregasse isso.”

Encolheu os dois ombros juntos ao rosto com um movimento divertido e me entregou o papel. Era um trabalho já preparado por ele que eu deveria fazer. “Teoria da Imputação objetiva”

era o tema. Logo abaixo, um recado: *“Pondero que não se esqueça da atenção devida à Universidade (assim mesmo, em maiúscula), uma vez que se ela for bem conduzida poderá propiciar-lhe degraus ainda mais interessantes. Leia Claux Roxin”*. O professor Sérgio sempre teve boa vontade em me ajudar.

“Deve ser legal ser investigador.”

Ela interrompeu minha primeira leitura no papel do professor com essa frase, o que me deixou sem saber o que dizer. Por isso respondi com um sorriso de gratidão.

“Você deve me entregá-lo pronto até quarta-feira.” Percebi sua doçura em não querer demonstrar autoridade na solicitação. E também não parecia mais velha, mas já estava no mestrado. Os olhos azuis estavam sempre alegres. Todas as mulheres de olhos azuis me parecem mais novas. Todas as mulheres da faculdade eram mais novas para mim. Eram crianças perto dos meus trinta.

“Você anda armado?”

“Claro.”

E apontei o volume da roupa que a pistola fazia na parte de trás de minha cintura.

“Por quê? Você não?”

Pude ver um pequeno furinho no canto de seu sorriso. Depois desapareceu. Quando retornei na sexta com o trabalho pronto, ela não estava. Deixei o papel com a secretária do departamento de Direito Penal. O professor Sérgio não parecia ser do tipo que troca suas vagas no mestrado por trepadas com alunas. Passaram-

se semanas, até que a encontrei numa festa que não queria ir.

“Michelle?”

“Oi, Vital. Veio armado?”

Ela sorriu e colocou a mão na parte de trás de minha cintura para sentir o volume gelado da arma.

“Não saio de casa sem ela. Por quê? Você não veio?”

Perguntei sua cidade, de onde vinha aquele sotaque quase carioca. Por que usava uma etiqueta de silicone com código de barras no braço.

“Porque eu gosto.” Perguntei se já havia assistido O fabuloso destino de Amélie Poulain. Não tinha mais dúvidas, era a mulher mais linda do mundo.

“22.”

“O quê, só isso, tá brincando, você fala como uma mulher de 30 anos.” Silêncio e sorrisos. *“Se bem que seu corpo é de uma mocinha de 17.”*

Gostei quando ela perguntou meu telefone para combinarmos de sairmos dia desses. Na ocasião, eu estava mudando de apartamento e a linha telefônica não estava instalada. E se estivesse, provavelmente eu não ligaria, pra evitar qualquer tipo de expectativa com relação a pessoas estranhas. Mas me deu o número de seu celular.

“Te ligo nesse final de semana, Michelle.”

“Faz isso sim.” E foi embora com seu grupo de amigas, não tão bonitas quanto ela. No dia seguinte, mandei mensagens para seu celular.

“QUEM É VC?”

“Sou o Vital. Desculpe, esqueci de por o nome”

“Ah, como vai?”

“bem, onde vc está, Michelle?”

“Em casa, quer beber hj?”

“Claro, onde?”

“Vai dormir cedo?”

“Depende de vc... rrsrsrs”

“Te ligo mais tarde entaum, tchau moço”

Fomos andar pela Vila Madalena em uma segunda à noite. Em um dos únicos restaurantes abertos, entramos apenas para comprar cigarros. Numa mesa, encontrei um antigo professor e grande amigo de boteco, que bebia com outras pessoas. Ao me ver, sua embriaguez não me deixou recusar seu convite para sentarmos com eles, mesmo diante do constrangimento provocado por estar com ela ao meu lado. Ela parecia conhecê-lo, provavelmente já fora sua aluna também. Consultei se ela gostaria de ficar por ali mesmo, e ela concordou. O professor se surpreendeu quando nos viu juntos, achou que nós nos conhecíamos havia muito.

“Ah, a escolha certa. Você acertou, Vitinho. Michelle é minha melhor aluna.” Ela abaixou os olhos. Parecia estar sem graça diante do elogio vindo de alguém tão distantes dos seus 22 anos. *“Escute aqui, Michelle, faça esse homem feliz, ele merece você. Hoje a noite, faça ele gozar como nunca. Sabe como faz, né?”*

Merda, professor. Ainda não tinha pego na mão dela. *“Vocês terão filhos lindos.”* Cala a boca, quer me matar de vergonha? Teria falado, se eu não estivesse rindo de seu jeito desajeitado

de bêbado pegando em nossas mãos, unindo-nos feito um cânone barrigudo.

Achei graça de minha comparação momentânea. Afinal, quantos padres são ateus materialistas? Mas não foi naquela noite que o desejo do professor aconteceu.

Apenas nos beijamos. Tão estranho o lugar, exposto, mas ela pediu. Não me convidou para ir até seu apartamento. Compreensível.

Achei que não iríamos nos ver mais. Talvez tivesse ficado envergonhada por causa do professor, ou me achara sem graça. Começava a sentir sua falta. Confesso que queria seu corpinho mirrado mais uma vez, de curvas ternas e honestas.

Na noite seguinte ela foi até meu apartamento. Li Manuel Bandeira e o primeiro capítulo de Trópico de Câncer (estava lendo na ocasião, vejam só). Gostou. Beijamo-nos. Menos estranho do que quando no restaurante. Estávamos mais à vontade, bem verdade. Cresciam as carícias. Foi então que me dei conta do que fazia.

Ela era muito jovem e evitava os toques mais íntimos. Não pelo receio comum dos desconhecidos que se encontram para sentir prazer. Mas porque tinha vergonha. Ruborizava, e dava muitas risadas, muitas. Achei que era por causa de minha companhia agradável. Errei. Seu desespero a fazia se descontrolar. Confessou que nunca tinha sentido um homem dentro de si (não nesses termos, pois era bem menos pudica que eu). Razoável, oras. Disse que ela estava certa, que deveria fazer o que fosse o melhor para sua cabeça.

Bingo!

Parece que achei as palavras corretas. Sorriu tranquila, tirou a roupa com muita naturalidade e pediu paciência. Espantei-me, sim. Possuía nádegas e coxas suculentas como nunca tinha visto. Duas glândulas rosa descansavam em grandes peitos duros. Talvez homem nenhum tivesse colocado a boca ali. Que desperdício. Aos poucos percebi que quem nunca havia transado era eu. Ela gemia de maneira que nunca tinha visto. Era dor. Dor de incomodar. Quis parar, eu quis parar.

“Calma, espera eu me ajeitar.”

Com razão, eu precisava me acalmar. Achei que ela fosse chorar. Tive medo que aquela agressão dificultasse minha ereção. Controlei-me. Ela avançava com fúria. Doía em mim também.

Parou de repente. Respirava fundo. Seus olhos se contraíam em espasmos intermitentes. Os lábios se apertavam contentes. Eu, sujo de mucosa e sangue, tentava entender o que ela fazia. Não respondia. Ficou assim até que seus olhos brilharam. Sorriu com satisfação.

“Meu amor. Com o tempo fica melhor.”

“Como você sabe disso? Pensei que nunca tivesse transado.”

“Li na revista Capricho.”

Acabou por dormir lá em casa. Eu a envolvi com meu corpo durante toda a noite. Acordei antes, levei bolachas e iogurte para que comesse. Sua boquinha demonstrava tanta felicidade ao mastigar que quase perdi a hora para traba-

lhar. Pudesse, ficaria o resto de meus dias observando Michelle dormindo nua em minha cama.

“Tenho que ir, senão o meu delegado liga.”

“Posso estar aqui quando você voltar.”

“Pode ficar o quanto quiser.”

Que estranha força tem a mulher sobre nós. Tudo o que pensava sobre solidão e pessoas em instantes transformaram-se. Seria capaz de tratá-la como a pessoa mais importante do mundo pra mim. Quanto carinho. Talvez pelo fato de nunca ter feito nenhuma outra mulher gozar com tanta facilidade. Que ótimo é isso. Decidi! Quero que ela goze todas as noites, e assim serei o homem mais feliz do mundo.

Na delegacia, dizia bom dia com mais tranquilidade ao escrivão, ao PM zangado, aos outros investigadores:

“Vital, teu homem táí. Se entregou essa madrugada depois de tentar se matar no lago do parque Ibirapuera.”

“Que homem?”

“O cara que matou a menina e a meteu no bueiro. Tá na sala, conversando com o delegado. Matou porque ela não queria mais namorar com ele.”

“Ele só falou isso?”

“Até agora, sim.”

Pedro. Pedrinho era o nome do vagabundo. Eram raras as vezes em que eu me envolvia com alguma investigação. Isso era trabalho para a chefia, os investigadores do andar de cima, quando eles não estavam ocupados em arrecadar fundos para a manutenção do DP e suas vidas particulares.

Normalmente os investigadores do plantão eram apenas porteiros de luxo. Mas quando o seu delegado queria tirar um serviço de algum bandido, era bom acompanhá-lo. Neste caso, seria delicioso passar a perna no departamento de homicídios e resolver essa morte antes deles. Significaria pontos para podermos nos movimentar dentro da estrutura da polícia. Se o doutor continuasse com essa ambição, e soubesse se aliar a bons contatos, logo estaríamos em um lugar bem melhor do que a merda do plantão.

O Pedro não era da nossa área. Estavam fugindo da família da moça para construírem uma vida nova. No caminho, ela teria desistido, tentando voltar para casa e ele a enforcou com a cinta que usava.

Colocaram-no sentado na cadeira no meio da sala algemado com as mãos para trás. O delegado falava baixinho em sua orelha, como se confidenciasse algo secreto que só eles poderiam saber, ao mesmo tempo em que lhe socava o coco da cabeça com a mão aberta. Era a maneira com que ele mostrava ser o chefe das investigações.

Na prática, delegados não entendem nada de investigação. Fazem o trabalho da burocracia de rotina, determinam diligências baseados nas informações que os investigadores conseguem e as formalizam. São os tiras que estão na linha de frente, buscam testemunhas, sujam as mãos na ilegalidade, recolhem a mesada de bicheiros, donos de máquinas de bingos, puteiros e entregam a recolha do dinheiro ao delegado.

Da sala do meu delegado de plantão, o di-
nheiro subia para a sala do delegado titular, e
de lá para o delegado seccional da região. Se-
guia para o delegado geral de polícia, o secretá-
rio de segurança e enfim o governador. Eu só
pegava aquilo que aparecia de graça. Nunca ia
atrás de nada. Ainda achava estranha essa coisa
de receber de bandidos para ele não ser pro-
cessado.

Mas aqui no DP ninguém ousava lembrar ao
delegado de que sua presença sempre foi
dispensável.

Era interessante presenciá-lo agredindo para
tirar o serviço de alguém. Isso me tornava seu
cúmplice e assim era mais fácil pedir favores a
ele sem ter que me humilhar muito. E eu sempre
precisava sair mais cedo para assistir às aulas.
Não que ele fosse meu amigo, tinha a certeza
que se um dia ele tivesse que escolher entre a
minha vida e a vida dele, eu estaria morto. Mas
pelo menos, dentro da delegacia, seríamos
parceiros nos erros.

*“Cansei Vital, ele é seu. Quando eu voltar quero
ver este cassetete enfiado no cu dele”* – disse, e saiu
enxugando o suor da testa com a manga da
camisa.

“Tá bom.” Enquanto Pedro chorava, sentei-me
ao seu lado. *“Conta pra mim, Pedro, como foi a
história.”*

“Já contei tudo, doutor.”

Era triste e engraçado ver aquele homem
soluçar de medo. Cada vez que me aproximava
ele se afastava. Isso era bom.

“Enrolei a minha cinta no pescoço dela e puxei. Aí ela morreu. Matei porque ela queria voltar pra casa.”

“Só por causa disso?”

“Mentira, Vital. Ele é um corno. A menina tava saindo com um coroa cheio da grana.” – Era Sílvio, o outro investigador que estava sentado em frente ao computador, jogando paciência. Nós já sabíamos quase tudo da história. Fazíamos repetir várias vezes para ver se existiam contradições.

“Você a matou dentro ou fora do bueiro?”

“Lá dentro.”

Sílvio, de um só movimento, saiu de trás de sua mesa e despejou o punho fechado contra a cabeça do rapaz algemado. Pedro tombou para frente. Caiu da cadeira e eu o ajudei a levantar.

“Pedro.” – Quis acalmá-lo limpando o suor de seu rosto com uma flanela. – *“Sabemos que você é pessoa de bem, não é?”*

“Sim senhor, sou trabalhador.”

“Às vezes a gente faz besteiras deste tipo. Tá se vendo que você não é bandido. Diga pra mim. Onde você a matou?”

“Já falei doutor, no bueiro.”

Só deu tempo pra me afastar e Sílvio novamente lançou seu braço pesado no lombo do mentiroso, seguido de um caloroso: *“Filho da Puta!”* Pedro mentia. O laudo da perícia constatou que ela sofreu violência sexual e arrastamento. Portanto, comprovou-se que ela tinha sido estuprada noutro lugar e levada para o buraco. O tamanho do bueiro não permitiria

que eles fizessem sequer um “papai e mamãe” lá dentro.

“Olha pra mim, Pedro. Você não é bandido. Aqui, na Polícia, a gente só trabalha com bandido, gente ruim. Como você quer ser tratado? De que maneira você quer conversar comigo? De homem pra homem ou de Polícia pra Bandido? Ótimo! Pois bem, você sabe o que quero saber. Diga aquilo que nós queremos ouvir. Não é flagrante. Você vai sair por aquela porta imediatamente depois de dizer tudo. Entendeu?”

“Eu não queria. Matei a mulher da minha vida, doutor. A gente tava esperando o ônibus pra ir pra rodoviária e recomeçar a vida em outro lugar, no litoral.” Era preciso ter paciência com a chora-deira do rapaz. Ele já tinha entrado no processo de falar, agora precisávamos ter calma.

“Vocês foram transar no mato que cerca a avenida?”

“É. Começamos... mas aí... ela começou a falar coisas feias.”

“Como o quê?”

“Disse que estava com outro homem, e que ele era melhor que eu.”

Agora bastava. Além de corno o sujeito foi ridicularizado por uma menina de 14 anos.

“Eu quis provar pra ela que não. Ele era velho. Sou jovem. E consigo fazer ela gozar. Consigo dar três.” Silêncio. Sílvio olhou para mim querendo rir. Mas havia um compromisso. Afinal, o idiota colaborou e, além disso, conhecíamos aquela dor de homem com o orgulho ferido.

“Ela disse que eu era fraquinho. Meu pau pequeno. Eu não aguentei, doutor. Ela começou a pedir para

eu não fazer. Chorava. Gemia que nem criança. Ela gemeu muito, doutor. Peguei minha cinta e enrolei no pescoço dela. Ela foi parando de gemer devagarzinho. Devagarzinho. Ai! doutor eu quero morrer. Ela gemeu até morrer."

Como se pegasse um copo, agarrei sua grossa traqueia. Sua respiração foi desaparecendo e sua pele foi se azulando. No limiar, soquei-lhe o peito. Desmaiou. Esperamos até que acordasse. Acordado, vomitou. O cheiro fedorento de seu líquido esparramado pela sala me deu o motivo necessário para chutar sua fuça. Caiu com o rosto voltado para o chão. Eu dava pulos, caindo com o pé direito em sua nuca. Chutava seu rim.

Ele pedia desculpas entre gritos de soluço. Dizia que não sabia o que havia feito. *"Desculpa, Gi, eu te amo. Eu te amo Gi, me leva com você, eu não quero mais viver. Matei a mulher da minha vida."* Percebi que começava a perder sangue pela boca.

Eu e Sílvio tínhamos uma ótima escala de coordenação. Enquanto eu atingia a cabeça do rapaz, ele se ocupava das partes inferiores. Sempre tomávamos o cuidado de não ferir partes muito gordas ou moles, pois deixavam marcas e o médico legista poderia reclamar. O objetivo das pancadas eram os ossos. Eu tinha preferência pela nuca e o couro cabeludo. Era necessário fazer com que todos os golpes fossem rápidos o suficiente para confundi-lo, a ponto de não ter certeza quem lhe agredia. Não era tão doído quando um golpe aplicado com o objetivo de

realmente fazer doer. O maior ferimento era no ego, porque a maior humilhação era a de se estar sendo agredido sem poder se defender.

Recomendo nunca bater até sua última capacidade de agredir. Caso o bandido seja profissional, ele saberá que, se aguentar aquelas horas de pancadas e não abrir o bico, o policial terá certeza de que não é o culpado. E não o incomodará tão cedo. Por isso, alguns criminosos experientes eram fortes o suficiente para segurar o serviço no pau-de-arara por uma noite inteira. A violência não fazia ninguém confessar, se o cara estivesse decidido a não fazer. Entre apanhar da polícia e morrer na mão de outros criminosos delatados, a segunda opção é menos querida.

E eles sabiam que, durante um interrogatório, dificilmente morreriam nas mãos da polícia. Poderiam apanhar muito, mas morrer, não. Para evitar essa defesa, havia aprendido que deveria demonstrar ao mala ser muito mais louco do que violento. Cuspia em sua cara. Sufocava-o com uma sacola de supermercado e espirrava gás pimenta dentro. Atirava dentro da sala. Tirava sua roupa. Apesar de todo esse know how, eu não gostava de bater. Na frente de outros polícias até mostrava um anseio pela pancada. Mas era só para não perder o respeito na delegacia. Quando ia pendurar o suspeito para tirar algum serviço, quem apanhava sempre sabia até onde eu chegaria. Mas quando eu era maluco, nem eu saberia do que seria capaz. Mesmo que estivesse fingindo. Eu só batia quando tinha certeza da culpa. Como agora.

Sílvio me acompanhou. Pegou o cassetete, abaixou as calças de Pedro, fez o pedido do Delegado e foi chamá-lo. Após algumas horas assim, com a borracha dentro de seu corpo, Pedrinho lembrou-se de mais detalhes. Achei que não seria necessário pendurá-lo para o choque. O infeliz não era da bandidagem. Não servia para ser gente ruim. Chorava, tremia.

Após meia hora com a borracha preta dentro de si, confessou que estava ganhando um dinheirinho agenciando Giovana.

Mas depois de alguns clientes, ela conheceu um senhor rico, e se apaixonaram. O velho certamente era muito mais carinhoso do que os outros frequentadores e Giovana estava encantada por ele. Tudo confirmado pela família dela, e pelo próprio velho, que localizamos depois. Fato era que Pedro não gostou do rumo da história de sua namoradina, quis levá-la para São Sebastião e ela tentou fugir.

* * *

No final do dia, ao abrir a porta da sala em casa, Michelle veio em minha direção. Sorriu e me abraçou ternamente.

“Que saudades, querido. Demorou, senti sua falta. Vem.”

Fui arrastado para o sofá. Enquanto me beijava, senti que seu corpo estava quente. Dizia que era só minha, que queria ser minha. Transamos muito. Dessa vez, nossos corpos pareciam se acomodar com mais facilidade, apesar de ainda estranhar sua falta de

habilidade em nos encaixar. Seu corpo era branco, quase transparente.

Doce. Como era bom ter aquela menina ali. Faria tudo para nunca magoá-la. Até lhe dar os tapinhas na bunda que pediu.

“Com força, querido. É bom.”



Vital, investigador da polícia civil de São Paulo, em meio à rotina de descaso do Estado com os órgãos de segurança pública, aos poucos viu-se envolvido em uma complexa trama de corrupção comandada pela alta cúpula do governo. O que lhe restaria? Um livro vibrante do início ao fim, com o desfecho que todo policial honesto sonha ver um dia.

Este livro está à venda no site do autor:
www.verbeatblogs.org/cultcoolfreak/